



## **A missão e o messianismo nos contextos ibéricos e eslavos**

Ednaldo Cândido Moreira Gomes<sup>1</sup>

Resenha de:

SILVA, Fabio Mario da & Beata Cieszyńska (orgs.). **A missão e o messianismo nos contextos ibéricos e eslavos**. 1. ed. Lisboa: CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras de Lisboa. 2016. v.1. 228p. *e-book*.

O lançamento em Lisboa do *e-book* **A Missão e o Messianismo nos Contextos Ibéricos e Eslavos** está a contribuir, de forma significativa, para ampliar os horizontes dos estudos comparativos entre a península ibérica (no amplo sentido do termo) e as culturas eslavas.

A investigação das interfaces da *missão* e dos caminhos que levam ao *messianismo* (individual e coletivo) nas mais distintas temporalidades e nos mais variados espaços, foi tema de um dos ciclos de atividades promovido anualmente pelo CLEPUL5 (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras de Lisboa), pela CompaRes (Associação Internacional de Estudos Ibero-Eslavos), e pela CISCRI (Comissão para os Estudos Comparatistas Ibero-Eslavos do Comitê Internacional dos Eslavistas).

Os debates, as conferências, e os congressos dessa natureza ajudam a promover a esperada aproximação ibero-eslava, bem como produzem inovações metodológicas e práticas profícuas de reflexão – atitude benquista ao universo internacional dos Estudos Comparatistas que têm como referência a complexa relação cultural desenvolvida *na* e *a partir da* Europa através dos séculos.

Assim, de um modo geral, pode-se considerar que um intento de tal magnitude institucional exige, constantemente, o esforço para ampliar os limites da biblioteca ibero-eslava existente, através da publicação dos mais diversos gêneros do saber humano: manuais, estudos, traduções e antologias. É sob esta grande rede de impressos publicada em diversas línguas, que a contribuição de Fabio Mario da Silva e Beata Cieszyńska se aporta para velejar *num mar que une mais do que separa* as nações (*Bellum sine bello*).



---

<sup>1</sup> Professor de Ensino-aprendizagem de Língua Materna e de Literatura na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Atualmente, é doutorando em Teoria e História Literária na UNICAMP, sob supervisão do Prof. Dr. Alcir Pécora.

O livro organizado pelos pesquisadores é composto por 13 capítulos escritos por intelectuais vinculados a diversas instituições de ensino, o que é um ponto positivo a um empreendimento que se propõe, em essência, a extrapolar as fronteiras de uma única nação e a estabelecer pontos de contatos reflexivos. A rigor, os capítulos foram distribuídos por uma ordem temática que parte de um dos temas mais caros à literatura lusófona, qual seja: o sebastianismo. Por fim, destaca-se a missão (a se construir?) dos poetas polacos do contexto pós-guerra.

Em síntese, os 13 capítulos dos 14 autores são:

1. O Sebastianismo – O Messianismo Português, de Miguel Real;
2. O Romance da Pedra do reino e as Ressonâncias do Sebastianismo na Literatura Armorial, de Aldinida Medeiros;
3. Eça de Queirós e a catástrofe redentora, de Ana Luísa Vilela;
4. Missão da Sérvia na Primeira Guerra Mundial e o seu reflexo na identidade e nas representações no mundo, de Anamarija Marinovic;
5. Edith Stein – a missão de Verdade entre religião, filosofia e o tempo da História, de Anna Kalewska;
6. Do messianismo à missão (?): Haroldo de Campos, leitor de Walter Benjamin, de Gabriel Borowski;
7. A Missão do Diário de Anne Frank, de Isabel Cruz Lousada e Ana Isabel Júdice Rosa;
8. A construção do herói messiânico no Sermão do Beato Estanislau Kostka, do Padre António Vieira, de Martinho Tomé Martins Soares;
9. Ety através do Diário, de Padre Nélio Pita;
10. Cristovão de Mendonça: o navegador português a quem se atribui a descoberta da Austrália ou a descoberta da Austrália por um português!, de Paulo Guerreiro;
11. A Liberdade como projeto messiânico no pensamento de Agostinho da Silva, de Rui G. Maia Rego;
12. Entre a Laicização e o Messianismo. O império da voz, de Tânia Pêgo;
13. A missão dos poetas polacos do pós-guerra - “escrever poesia depois de Auschwitz”, de Teresa Fernandes Swiatkiewicz.

\*

Como se pode notar, é justamente sobre tal *possessio maris* de reflexões citadas acima, que a obra organizada pelos pesquisadores Fabio Mario da Silva e Beata Cieszynska apresenta sua maior contribuição, qual seja: o assimilar das racionalidades universalistas e das especificidades contextuais contidas nas figurações de *propósito* (singular e coletivo) da cultura produzida em âmbito ibero-eslavo.

Talvez, seja redundante apontar as diversas manifestações políticas, literárias e religiosas identificadas em grupos e em termos como *missão*, *messianismo* e *redenção* – ponto de partida ou de chegada de um passado mais ou menos tedioso a ser suplantado por um futuro de abonação ou plenitude.

De tudo que se expôs, pode surgir uma indagação: não seria essa interação semântica identificada em tais contextos moldada por uma construção hermenêutica alegórica? Tal qual fora apontada por Erich Auerbach, na década de 1930, em relação à literatura europeia do medievo a Dante? Se tal aproximação é plausível com a ideia de *prenúncio* e de *complemento* presentes na raiz de *missão* e *messianismo*; conjuntamente, é pertinente o embasamento teórico apresentado por Fabio Silva e Beata Cieszynska na introdução intitulada “Interfaces da busca da missão e os caminhos ao messianismo no contexto ibérico e eslavo”, onde os pesquisadores, partindo de uma definição de Peter J.S. Duncan, em **Russian Messianism: Third Rome, Revolution, Communism**, dizem: “o messianismo como uma proposta ou

uma crença em que um grupo terá sido, de algum modo, escolhido para um propósito” (2016, p.7).

Como se observa em tal definição, e em toda a conjuntura histórica do Cristianismo na Europa, especificamente, na península ibérica e na região eslava, os *propósitos* a que são (ou foram) destinados os povos variaram consideravelmente, tanto no que diz respeito à antiguidade da história dos hebreus, quanto aos debates em torno da razão política grega, ou mesmo às vicissitudes imperialistas dos romanos. À luz do sistema figural alegórico, Fílon de Alexandria já ensinou a crença redentora num futuro de plenitude, construído pela decodificação das alegorias contidas nos eventos e nos seres. Com isso, a conexão entre os tempos (passado e futuro) e as pessoas (indivíduos ou coletividade) são balizadas por acontecimentos reais, oriundos da corrente da vida histórica filtrada pelo crivo da religião cristã. É justamente dentro de tal conjuntura histórico-crítica que se insere os ensaios do livro.

Nessa perspectiva, o magistral ensaio de abertura de Miguel Real, “O Sebastianismo – O Messianismo Português”, realiza um mapeamento extenso e um estudo erudito acerca das causas históricas, religiosas e filosóficas que desencadearam na perda da identidade portuguesa e na proliferação (de tempo espiralesco, é verdade) do Sebastianismo – “[...] O sebastianismo corresponde a uma elevada aspiração da população pobre de Portugal, a um desejo profundo de uma vida melhor, sempre prometida desde o período dos Descobrimentos mas verdadeiramente nunca vivida, ou, quando tenuemente atingida [...] de imediato logo as benesses prodigalizadas são retiradas no todo ou em parte”. (2016, p. 23).

No contexto eslavo ressaltam-se os textos de Anamarija Marinovic e Anna Kalewska. A primeira estuda a missão da Sérvia e as representações da identidade nacional durante a Primeira Guerra Mundial. Em contrapartida, a segunda analisa o pensamento de uma filósofa judia, Edith Stein, mártir no holocausto e religiosa canonizada pelo Papa João Paulo II.

Em razão do espaço limitado, pode-se dizer que os textos do livro ora resenhado abordam desde os poetas polacos do pós-guerra ao poema heróico-religioso *Muhuraida* do século XVIII luso-brasileiro. Essa amplitude temporal é fundamentada pelo rigoroso crivo crítico dos autores e cumpre, brilhantemente, o modesto papel previsto na introdução pelos organizadores do volume: a de ser “uma estimulante monografia na área do comparativismo ibero-eslavo”. (2016, p. 12).

À guisa de conclusão afirma-se, portanto, que foi em função dessa perspectiva ibero-eslava que o tema sobre a *missão* e o *messianismo* chegaram até nós como peça de um amplo mosaico a ser constantemente ressignificado, ou realinhado às ideologias de um tempo, de um lugar, e de um espaço (por vezes, até mesmo, de um espaço fluido, porque não dizer, efetivamente, alegórico e figural).